

O FUNDAMENTALISMO DOGMÁTICO

Coletânea – P.TIMM org.

“ (...)A verdade Nem veio nem se foi: o Erro mudou

(...)E era sempre melhor o que passou

Fernando Pessoa in Natal

a <http://arquivopessoa.net/textos/2040>

*

No começo do pensamento crítico moderno , séculos XVIII e XIX, a questão central residia na propriedade e classes, destacando-se aí a contribuição pioneira de Rousseau e a análise de Karl Marx.

Depois, com Max Weber e Gramsci e a Escola de Frankfurt, deslocou-se o foco das atenções para a cultura e instituições.

O século XX, ainda pouco lido e absorvido pela esquerda, trouxe à tona a importância dos afetos na instituição da sociedade , os quais articulados à libido e à identificação operam como aporia, enigma e fábula para além do narcisismo, tal como propõem Freud, Foucault, Bataille, dentre outros e nosso brasileiríssimo Vladimir Safatle. Deste, no seu último livro: " O circuito dos afetos" , Autentica, SP,2015, pg. 61

*Paulo Timm – Exposição COMITE DEFESA DA DEMOCRACIA, P.Alegre –
01.06.2016*

*

Índice

**1.. O fundamentalismo e os ídolos da razão – Paulo
Timm**

2. Da inutilidade dos estigmas dogmáticos - MARCO

AURÉLIO NOGUEIRA

3. O erro fundamental do PT - Cláudio de Oliveira -

4. O pluralismo no campo da esquerda - Cláudio de Oliveira

1..O FUNDAMENTALISMO E OS ÍDOLOS DA RAZÃO

"Além do bem e do mal"

03/07/2013 - <http://www.paulotimm.com.br/site/pags/noticias3.php...>

Paulo Timm – Torres RS julho 03 - copyleft

“ De acordo com Francis Bacon, o homem se desenvolve por meio das experiências que ocorrem em sua vida. Entretanto, afirma que apenas o uso da razão, não será suficiente para compreender o mundo. Este apresenta uma crítica ao racionalismo, afirmando que a mente humana pode ser facilmente desviada de seu foco racional. A resposta para este desvio se deve a presença dos “ídolos” que atrapalham a razão.”

Janaína Salvador Cardozo -
<http://sociologiaehistoriaunesp.blogspot.com.br/2013/03/idolos-e-razao.html>

“Não é a dúvida, mas a certeza, que o torna louco.”

Nietzsche

“ Desconfio do homem de um livro só”

Santo Tomaz de Aquino

Ultimamente, tem-se ouvido falar muito em “ fundamentalismo”, associando-o sempre à manifestações religiosas conservadoras radicais, mormente no seio da religião muçulmana. Não obstante, embora o termo tenha nascido no Sec. XX ,em torno da controvérsia sobre origens do Homem, no cristianismo, ou de reações aos valores da modernidade – a “ Controvérsia Fundamentalista-Modernista” - , ele alargou-se para outras religiões e hoje é entendido como qualquer crença dogmática, inclusive no campo das ideologias políticas ou mesmo das ciências.

O que é fundamentalismo?

*É o termo usado para se referir à crença na interpretação literal dos livros sagrados. Fundamentalistas são encontrados entre religiosos diversos e pregam que os dogmas de seus livros sagrados sejam seguidos à risca. O termo surgiu no começo do século 20 nos EUA, quando protestantes determinaram que a fé cristã exigia acreditar em tudo que está escrito na Bíblia. Mas o fundamentalismo só começou a preocupar o mundo em 1979, quando a Revolução Islâmica transformou o Irã num Estado teocrático e obrigou o país a um retrocesso aos olhos do Ocidente: mulheres foram obrigadas a cobrir o rosto e festas, proibidas. "Para quem aprecia as conquistas da modernidade, não é fácil entender a angústia que elas causam nos fundamentalistas religiosos", escreveu Karen Armstrong no livro *Em Nome de Deus: o Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. (Adriana Küchler - <http://super.abril.com.br/religiao/fundamentalismo-445747.shtml>)*

O fundamentalista é aquele homem de um livro só, como dizia Sto. Tomaz, sobre o qual constrói suas certezas absolutas, recusando-se à dúvida e ao diálogo com outras interpretações da mesma realidade. É esta verdade reconstruída do real, como ideal, que lhe cega a ponto de transformá-lo no limite, num artefato da violência contra os que não comungam da mesma visão. Muitas vezes, chegando à loucura.

***Fundamentalismo** é a estrita aderência a um conjunto específico de doutrinas teológicas tipicamente em reação à teologia do Modernismo.^{1 2 3} O termo "fundamentalismo" foi originalmente designado por seus defensores para descrever uma lista específica de credos teológicos que se desenvolveu em um movimento na comunidade protestante dos Estados Unidos na primeira parte do século XX, e teve sua raiz na Controvérsia Fundamentalista-Modernista dessa época.*

O termo desde então tem sido generalizado para significar a forte aderência a qualquer conjunto de credos em face do criticismo ou impopularidade, mas tem mantido suas conotações religiosas.⁴

*O Termo fundamentalismo popularmente empregado refere-se pejorativamente a qualquer grupo religioso de infringentes de uma maioria, conhecido como Fundamentalismo religioso, ou refere-se a movimentos étnicos extremistas com motivações (ou inspirações) apenas nominalmente religiosas, conhecido como Fundamentalismo étnico. **O Fundamentalista acredita em seus dogmas como verdade absoluta, indiscutível, sem abrir-se, portanto, à premissa do diálogo.***

Fundamentalismo "é um movimento que objectiva voltar ao que são considerados princípios fundamentais, ou vigentes na fundação do determinado grupo". Especificamente, refere-se a qualquer grupo dissidente que intencionalmente resista a identificação com o grupo maior do qual diverge

quanto aos princípios fundamentais dos quais imputa ao outro grupo maior ter-se desviado ou corrompido pela adoção de princípios alternativos hostis ou contraditórios à identidade original.

No estudo comparativo das religiões e etnias, fundamentalismo pode se referir a movimentos anti-modernistas nas várias religiões.

Por extensão de sentido o termo "fundamentalismo" passou a ser usado por outras ciências para significar uma crença irracional e exagerada, uma posição dogmática ou até um certo fanatismo em relação a determinadas opiniões, como em Economia ocorre com "fundamentalismo de livre mercado".

A questão central do fundamentalismo, portanto, não são os radicais religiosos. Eles são apenas a ponta visível do iceberg compreensivo do real. Na verdade, não sabemos o que é o real. Ele é, sempre, uma enigmática esfinge que se erige ante nossos sentidos á espera de significação. **Mas aquilo que o corpo sente fisicamente, a alma humana já pressentiu e o espírito lhe atribuiu um significado.** Daí porque, desde que o homem reina sobre a Terra, o mundo é o mesmo mas as visões deste mundo se alteraram, não apenas porque a razão musculou-se, mas porque a alma e espírito humano também mudaram. É muito importante, pois, para bem entender as raízes do fundamentalismo, que consiste numa resistência à mudança nas percepções do mundo, se ter uma idéia, mesmo aproximada, dos grandes paradigmas de sua interpretação. Este foi o grande objetivo da obra de Lewis Mumford em seu clássico "A Voz do Homem" – Ed. Globo,1952.

Não vou, claro, reproduzir neste curto espaço as longas reflexões de Mumford sobre a consciência do homem sobre si mesmo e o que o rodeia. Escrito numa época em que a Antropologia dava seus primeiros passos, ele evita falar do homem pré-histórico mas, evita, também, cuidadosamente, falar em "evolução" ao traçar o perfil do Homem Clássico, do Homem Medieval e do Homem Moderno. Adverte, porém, para a crise deste último. Os medievalistas contemporâneos lhe fariam reparos quanto o medievo, e até por isso deixo de comentar. Centro-me no clássico e no moderno.

O homem clássico é o que se organiza em torno do helenismo, conceito abrangente que sintetiza a civilização que se tem seu apogeu na Grécia e em Roma. É o homem da razão emergente que tenta encontrar, tropegamente, a explicação das coisas nas próprias coisas e não nas linhas do destinos. Uma filósofa brasileira, Marilena Chauy, descobre na palavra DESEJO, o princípio revelador da negação do Poder dos astros sobre a vontade humana: de-sidere, ou seja, contra os astros. Antes dela, outro filósofo já havia advertido para a importância do desejo e da vontade para a afirmação do homem: F.Nietzche. Em seu prólogo à penúltima obra - "Crepúsculo dos Idolos", ele confessa a tarefa de levar a cabo, para livrar-se do terrível destino, a sua obra capital como "A vontade de poder", ou a "A Transvaloração de todos os valores". Ele, porém, percebe que a razão, desde Sócrates, se convertera, nas mãos da Filosofia, em novo ídolo. Com isso, revela-se como pioneiro da

contestação à própria Modernidade que se desenrolava ante seus olhos. Para ele Sócrates não “foi livre” de ser dialético e racional: esteve forçado a sê-lo. E desde então, a razão, em vez de fortalecer o espírito humano, o enfraquecera.

Mas o que é e em que consiste a Modernidade?

O Homem Moderno redescobre, sob a égide de novos atores históricos, o classicismo, sob os olhares das Luzes. Acompanha-lhe uma nova de produzir, uma nova de organizar o Estado e as Classes, novas formas de pensar. A Razão e a Liberdade voltam ao proscênio, revigoradas pelos cientistas e pensadores do Século XVII, os quais colocaram a observação experimental no centro do entendimento do real.

“ O iluminismo forneceu os dois conceitos fundamentais que justificaram o papel universal da burguesia européia: razão e liberdade. Conceitos gêmeos. Até então, a revelação e a tradição é que forneciam normas válidas para a organização da vida social. O pensamento só poderia ocupar um lugar central se também dele fosse possível deduzir princípios e normas universais que ultrapassassem os limites da mera opinião. Enorme desafio.

Os iluministas afirmaram que era possível superá-lo: o pensamento podia produzir esses conceitos universais, e à sua totalidade eles denominaram razão. A razão pressupunha a liberdade, pois o sujeito só pode atingir a verdade se o seu esforço de conhecimento não reconhecer nenhuma autoridade externa que lhe imponha limites. E a liberdade pressupunha a razão, pois ser livre é poder agir de acordo com o conhecimento da verdade.

(Cesar Benjamin – Atualidade de Marx)

Um dos principais autores que abriram as portas do Iluminismo, que construiria o Homem Moderno foi Frances Bacon ((Londres, 22 de janeiro de 1561 — Londres, 9 de abril de 1626). Curiosamente, porém, ele se dá conta dos riscos do racionalismo, apontando precocemente para as armadilhas da razão, e demonstra como ela pode sucumbir ao que chamou de “ Idolos da Razão”, um conjunto de pré-conceitos que obliteram a isenção do observador.

Os progressos da Ciência, porém, e seu alargamento ao campo do entendimento da Sociedade, originando as Ciências Sociais, de pouca convergência ideológica, consagraram o Mundo Moderno transformando a Razão e a Liberdade, não só em vetores do conhecimento, mas em elementos constitutivos da vida que lhe corresponde. Não por acaso, por exemplo, evoluiu a tecnologia no Século XX ao ponto de tangenciar as estrelas, projetando o Homem num novo umbral da civilização – aeroespacial -, reduzindo o globo terrestre à Aldeia Global (Mac Luhan) como as liberdades públicas e privadas vieram a identificar este mesmo século, na palavra de um dos principais estudiosos deste tempo, Norberto Bobbio, o “ Século dos Direitos”. Isto, contudo, não se construiu sem dificuldades, obstáculos, conflitos religiosos, políticos e ideológicos e até tragédias, como as duas grandes Guerras Mundiais que custaram não menos do 100 milhões de vítimas, ou quase 10% da

população existente no mundo em 1900. Consagradas, as versões de Razão e Liberdade do mundo contemporâneo, com os seus corolários na tecnologia embutida em objetos de alcance quase universal e na construção de uma Ordem Social Competitiva, sob os cuidados de um Estado laico separado das confissões religiosas, transfiguraram-se em novos ídolos. Diante deles, toda a contestação crítica, transforma-se em heresia, punida, senão com a violência das fogueiras da Inquisição Medieval, certamente, com o mesmo resultado da sua balcanização. A dor, porém, dói mais, agora, porque fere a alma e não apenas o corpo. A crueldade moderna se sublimou, tornou-se sutil e até sofisticou-se em eufemismo que afastam suspeitas da hipócrita consciência que lhe corresponde.

E aí surgem novas vertentes de um tipo de fundamentalismo secular: Na Filosofia Econômica, há os defensores intransigentes do Mercado, como dogma do funcionamento da Economia, aos quais se opõem os defensores do Socialismo na expectativa de substituí-lo por uma Economia Centralmente Planificada, cujo maior Profeta foi Karl Marx, ainda no século XIX.. No tocante à Filosofia Política, a montagem de uma Democracia Representativa de base parlamentar e apoio em Partidos Políticos que disputam o voto popular, também acabou se transformando em credo indiscutível, contra o qual se erige cada vez mais, no mundo inteiro, o Direito de Resistência de milhões de jovens que almejam uma reaproximação do Direito com a Política. Não poucas vezes, também aqui, defensores e acusadores da Modernidade acabam se convertendo em credos fundamentalistas, transbordando em obscuridade e violência.

Vários filósofos, nas últimas décadas vêm percebendo os desafios da Modernidade, aprofundando a compreensão do que poderíamos chamar de Ídolos da Razão Moderna, numa evocação à obra de Frances Bacon. Tratam eles de mostrar como acabamos, involuntariamente, cativos de razões que nossa própria razão desconhece. Antecipando a Antropologia, Marx já havia apontado o caráter de classe da cultura, na forma de uma ideologia a serviço da classe dominante no mundo moderno. Freud, leitor de Nietzsche, a quem temia, segundo depoimento, volta seu olhar para a alma humana e lá revela que os passos anteriores do poeta, no descentramento do juízo perfeito. A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt evidenciou os males da indústria cultural na massificação de uma falsa consciência do mundo.

Causa espanto, pois, nos dias de hoje que ainda se encontrem tantos adeptos de idéias e ciências positivas que se pretendam o domínio absoluto do real, a ponto de reproduzi-lo pela práxis política na Sociedade. Eles confundem a fábula do “verdadeiro” idealmente construído e inexistente com o real palpitante. No campo das idéias políticas esta tendência vem sempre fortalecida pelos progressos da tecnologia, como se fosse possível a instauração de um Reino da Verdade, sob o império da razão, seja ela oriunda da esquerda ou da direita. Aliás, até pode ser o Império da Razão, mas de uma razão instrumentalizada pelo dogma, muito distante do real, sempre inacessível, embora não necessariamente imperceptível à tríade do corpo, alma e espírito.

Estas tendências políticas reacendem o debate sobre o fundamentalismo, desbordando-o do campo das idéias religiosas para a Política. Lembre-se que os dois primeiros experimentos, neste sentido, foram o nazismo de Hitler e o socialismo real de Stalin, o primeiro destruído pela força das armas, o segundo , exaurido em suas próprias malhas. Mas retornam à cena diante da Crise Internacional. Ela reacende ideais sepultados, dificultando a procura de novas saídas. O risco dos tempos que correm, portanto, correm menos pelas ruas, por onde flui o real, do que pelas tentativas de compreendê-los aquém da alma...E não estou falando da Metafísica, assassinada desde Nietzsche. Deus está morto. E nada lhe substitui à altura. **O dia recém amanhece e culminará ao meio-dia, “o instante da sombra mais curta”...É preciso abrir, sim os olhos das pessoas, mas sempre com o cuidado de não arrancá-los.**

2. Da inutilidade dos estigmas dogmáticos

<https://www.facebook.com/notes/marco-aur%C3%A9lio-nogueira/da-inutilidade-dos-estigmas-dogm%C3%A1ticos/1340579009290733>

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA·SEXTA, 3 DE JUNHO DE 2016

Vejam só. Acabo de ser espinafado por uma pessoa que se tem em alta conta e se vê como um comunista à moda antiga, ou seja, firme como uma rocha e sem um pingão de dúvida sobre o futuro radiante que virá com a revolução socialista. Ela se ouriçou toda e ficou indignada por eu ter feito uma postagem defendendo a atitude de FHC de não ir à LASA. A metralhadora girou forte, dizendo que eu rastejo para "a corja oligárquica do PSDB, do DEM e do PMDB" e "compactuo intelectualmente com o pior que a política produziu no Brasil".

Mas a pessoa em questão me acusa do que seria, para ela, um crime ainda mais grave: deixei de ser comunista e me tornei um "liberal", fato que, junto com o primeiro, configuraria um "lamentável ocaso para um intelectual outrora 'marxista'". Do alto de sua arrogância e de suas cegas certezas, a pessoa exige que eu faça uma "autocrítica". Certamente, ela deve ter um manual prontinho para esta genuflexão diante do altar da dogmática.

Achei graça e estou rindo até agora. Mas confesso que meio em estado de

choque. Com a agressividade da pessoa, com a facilidade com que se estigmatiza e se diz bobagens só pelo prazer de marcar posição, com o conservadorismo reacionário de tanta gente que se apresenta como marxista e de esquerda, tirando do bolso um monte de coisas sem pé nem cabeça como se fossem pérolas de inteligência.

Para pessoas assim, não há remédio que cure. Elas estão imunizadas contra a razão crítica e contra o tempo histórico, que passa por elas sem afetá-las. Continuam agarradas ao passado, que lhes dá segurança ontológica e base para exposições teóricas. Vivem em outra dimensão de tempo e espaço. Há muita gente assim solta por aí. Elas são, para dizer de forma simples, dogmáticas, intransigentemente dogmáticas. Só que não sabem disso. Definem-se a si próprias como "ortodoxas". Quero distância delas, no mínimo por precaução.

Por isso, lembrei-me de Kant -- um filósofo liberal que tanto horror causa aos marxistas enrijecidos e estreitos. Ele escreveu que o dogmatismo é "aquela atitude de conhecimento que consiste em acreditar na posse da certeza ou da verdade antes de fazer a crítica da faculdade de conhecer". Direto ao ponto, sem papas na língua.

Depois, achei uma bela passagem que colhi numa entrevista dada em 2014 por Zigmunt Bauman, que aqueles marxistas satanizam por ser "pós-moderno" e por ter deixado de ser "comunista" à moda deles. Acho que merece ser citada:

"Os dogmatismos são vários e diversificados, mas eu não saberia dizer qual é o mais perigoso. Eles têm em comum o pecado original de se taparem os ouvidos e de fecharem os olhos sobre a inalienável humanidade daqueles que vivem ao seu redor, por mais diferentes que possam ser. Todas as variedades de dogmatismos, no fim das contas, são a rejeição ou a não capacidade de comunicar e de se envolver em um diálogo: são essas duas as artes cruciais para sobreviver neste mundo marcado pela diversificação crescente e por uma diáspora que dá origem a uma crescente interdependência".

E que venha o fim de semana!

Comentário Paulo Timm - Na verdade há uma ampla variedade de "velhos comunistas". Já nos idos de 60 quando os "rebeldes" do PCB se declararam contra o Relatório Krushev, preferindo a "ortodoxia stalinista", surgia uma ramificação mais "dura" do marxismo. Desde aí, inúmeras correntes proliferam no marxismo reivindicando-se comunistas, algumas, sobretudo a gramsciana, mais abertas ao diálogo com a cultura . Sou meio herdeiro desta vertente, mesclada com a social-democracia aqui aportada pelo Brizola na fundação do PTB/PTB, da qual participei. Depois aprendi que até St. Tomaz de Aquino desconfiava do "homem de um livro só" e que o único caminho que leva à verdade absoluta é a loucura. Enfim, concluo que é difícil seguir o derradeiro conselho de Marx à sua filha, no leito de morte, para ser transmitido à humanidade: - " Sejam críticos".

3. O erro fundamental do PT

<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1998>

Cláudio de Oliveira - Junho 2016

Ao meu ver, o erro fundamental do PT está na incompreensão do que o pessoal do antigo PCB chamava de a "questão democrática". Quando o PT surgiu, em 1980, o pessoal do Partidão avaliava que não era hora de uma "revolução socialista", mas sim de uma "revolução democrática": o que a realidade lhe impunha era derrotar o regime ditatorial e convocar o Poder Constituinte para instituir um Estado de Direito Democrático e de bem-estar social no Brasil.

A frente política para realizar essa tarefa não era uma "frente popular", exclusivamente de esquerda, como propunha o PT, mas uma "frente democrática", na qual estivessem incluídos a esquerda, a centro-esquerda e o centro.

A proposta de "frente democrática" foi ratificada pelo PCB em seu congresso de 1967. Com base nela, o Partidão participou da fundação do MDB, ao lado dos remanescentes do PSD (centro) de JK, Tancredo Neves e Ulysses

Guimarães, do PTB (centro-esquerda) e do PSB (esquerda).

Sem compreender a “questão democrática”, grupos de extrema-esquerda leninistas empreenderam a luta armada contra o regime nos anos 1960/1970. Foram eles que estiveram na base da fundação do PT.

Tal incompreensão levou o PT a estrear nas eleições de 1982 com o lema “vote 3, o resto é burguês” e a fazer oposição aos primeiros governadores democráticos eleitos diretamente, do PMDB (Tancredo, Franco Montoro, José Richa, Íris Rezende) e do PDT (Leonel Brizola).

Levou também a não participar da votação que elegeu Tancredo Neves presidente contra Paulo Maluf e que pôs fim ao regime. Igualmente, durante os trabalhos da Constituinte, o PT atuou isolado do bloco progressista de centro-esquerda comandado por Ulysses e vitorioso sobre o “Centrão”, bloco conservador apoiado pelo presidente José Sarney.

A falta de compreensão da “questão democrática” fez o PT votar contra a Constituição de 1988 e a não participar do governo Itamar Franco, cujo ministério era majoritariamente uma expressão da “frente democrática”, formado pelo PMDB ulyssista, PSDB, PDT, PSB e PPS.

Em 1994, o PT fez um movimento semelhante ao PCB. Em vez de ruptura, a visão de um processo de reformas contínuas dentro do Estado de Direito Democrático. Mas, eleito em 2002, Lula deveria ter aproveitado o clima de diálogo do gabinete de transição organizado por Fernando Henrique Cardoso e buscado uma composição com os tucanos para a formação de um governo que girasse em torno de um eixo formado pelo PT, PSDB, PDT, PSB, PPS e PMDB ulyssista.

Em vez de um governo de “frente democrática” com base em um programa comum daqueles partidos, Lula fez um governo baseado exclusivamente no projeto de poder do PT, a cujo programa os partidos aliados estivessem subordinados. Para tanto cooptou o PMDB conservador e partidos atrasados como PTB, PP, PR, PSD, PRB.

No pós-guerra, enquanto o PC italiano perseverou na proposta de governo de frente democrática das forças antifascistas (PC, PS e DC) com base em um programa comum, Stalin impôs nas “democracias populares” governos nos quais as forças antifascistas se subordinassem aos PCs. Para os stalinistas, a democracia não era um fim, um valor em si mesmo, mas apenas um meio para a conquista do poder.

A incompreensão da “questão democrática” tem levado hoje o PT ao isolamento político. Em vez de um giro para uma “frente popular”, exclusivamente de esquerda, o partido deveria buscar reconstruir pontes e repropor uma “frente democrática”, cujo eixo girasse em torno de uma aliança PT, PSDB, PDT, PSB, Rede, PPS e setores do PMDB.

Qual caminho tomará o PT? Para o sectarismo e o isolacionismo semelhante

ao ultraesquerdista “Manifesto de Agosto de 1950” ou para uma política de “frente democrática” parecida com aquela da “Declaração de Março de 1958” e do congresso de 1967 do PCB? O tempo dirá.

4. O pluralismo no campo da esquerda

<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1699>

Cláudio de Oliveira, Cláudio de Oliveira, jornalista e cartunista.

Outubro 2014

 

Como se sabe, nunca existiu um pensamento único de esquerda. Ainda em 1864, quando foi criada a Associação Internacional dos Trabalhadores, logo a organização foi dividida em duas correntes principais. De um lado, os anarquistas liderados pelo russo Mikhail Bakunin, de outro, os socialistas seguidores do alemão Karl Marx.

Aqueles últimos não se constituíam numa corrente monolítica, com variações de pensamento entre eles. Havia também outras correntes. Tampouco a chamada Primeira Internacional abarcava todas as correntes do socialismo europeu.

A repressão pôs fim à Primeira Internacional. Depois da morte de Marx, mas com a presença de seus parceiros intelectuais como Friedrich Engels e Karl Kaustky, surgiu a Segunda Internacional, em 1889. Sem os anarquistas, a também chamada Internacional Socialista dividiu-se em várias correntes. Os francamente revisionistas do marxismo, como o alemão Edvard Bernstein, os ortodoxos, porém caminhando para o reformismo, como Kautsky, e os adeptos do revolucionarismo, liderados pelo russo Vladimir Lenin.

Este último, sabemos, fundou em 1919 a Terceira Internacional, ou a Internacional Comunista, que originou o movimento e os partidos comunistas em oposição à socialdemocracia.

Os comunistas russos, chamados de bolcheviques, logo após a morte de Lenin se dividiram. Uma ala, o centro bolchevique, liderado por Josef Stalin, eliminou num, primeiro momento, a esquerda bolchevique de Leon Trotski, que irá fundar em 1938, a Quarta Internacional. Depois, a direita bolchevique de Nikolai Bukharin será também eliminada por Stalin, com o fuzilamento de

seus líderes.

Nem todos os comunistas se alinharam automaticamente a tudo o que os bolcheviques fizeram. Apesar de apoiarem Lenin e a Revolução Russa de 1917, o italiano Antonio Gramsci e a polonesa Rosa Luxemburg criticaram aspectos da política bolchevique.

É bom registrar também a fundação da Internacional 2 e meia, em 1921, liderada pelos austromarxistas, entre eles Otto Bauer, adeptos do socialismo democrático e de um “terceira via” entre a socialdemocracia e o movimento comunista. Aliás, expressão que será retomada nos anos 1970 pelos eurocomunistas liderados por Enrico Berlinguer, o secretário-geral do PCI. O austromarxismo também inspirará nos anos 1960 um movimento chamado de Nova Esquerda.

Entre as correntes comunistas ainda devemos nos lembrar do maoísmo, muito influente entre intelectuais e líderes dstudentis de 1968, como também do “socialismo autogestionário” da Iugoslávia, cujas empresas não eram estatais, mas cooperativas.

A socialdemocracia também se diferenciará em diversas correntes, desde a chamada socialdemocracia clássica, predominante na Europa ocidental, como os suecos, defensores mais de uma regulação estatal da economia e menos de uma intervenção, até os adeptos da “Terceira Via” de Tony Blair ou do “Novo Centro” do socialdemocrata alemão Gerard Schröder, uma via entre a socialdemocracia clássica e o liberalismo clássico. Isto sem falar de um social-liberalismo ou de um socialismo-liberal defendido pelo italiano Norberto Bobbio.

Em *História do Marxismo*, organizada por Eric Hobsbawm e publicada no Brasil em doze volumes, o historiador egípcio-britânico, ao fazer um balanço do pensamento marxista ao final do século XX, considerava que não é mais possível falar de um único marxismo, mas de vários marxismos, tanto no âmbito da orientação partidária quanto na esfera do “marxismo acadêmico”, com todas as suas variações, desde a Escola de Frankfurt, hoje representado por Jürgen Habermas, passando por Georg Lukács e Louis Althusser.

Ainda à esquerda, talvez devemos nos lembrar de novos movimentos e partidos, como os Verdes da Alemanha e outros surgidos em diversas partes do mundo.

Por isso, vejo com muita naturalidade, que, no Brasil, diferentes correntes e pensadores situados à esquerda do espectro político tenham se posicionado diferentemente na presente eleição presidencial. As opções de pessoas de esquerda seja por Luciana Genro (Psol), por Eduardo Jorge (PV), por Eduardo Campos (PSB), por Marina Silva (Rede), por Aécio Neves (PSDB), por Dilma Roussef (PT), a meu ver, têm todas o mesmo grau de legitimidade, e o mesmo podemos dizer daqueles que escolheram candidatos de extrema-esquerda,

como Zé Maria (PSTU), Mauro Iasi (PCB) ou Rui Pimenta (PCO).

Ou reconhecemos o pluralismo no campo da esquerda e buscamos uma convivência democrática e respeitosa, ou teremos de inventar um “esquerdômetro”, um aparelho capaz de identificar a “verdadeira esquerda” e a “linha justa”, cuja experiência de partido único na Europa do Leste não foi das mais exultantes, digamos.

Cláudio de Oliveira é jornalista e cartunista.